

GENAL.

Q NEGAT

A HISTÓRIA DO BANDEIRANTISMO

A FUNDAÇÃO

A primeira década do século XX foi profundamente marcada pela Grande Guerra, sucedida, mais tarde, por um período de grande calma aparente (A "Belle Époque"), que revolucionou os costumes. A mulher, obrigada a assumir tarefas inusitadas, a abrir mão da proteção masculina, saiu de sua frivolidade e assumiu responsabilidades com as quais nunca sonhara. Ao terminar a guerra ela não quis, obviamente, voltar ao antigo "status". Foi em frente – para desespero de muitos – em busca de novos caminhos. Um dos caminhos que encontrou foi o escotismo feminino.

A guerra, que libertara a mulher, continuava a influenciá-la. Primeiro em suas roupas: ela deixou cair uma porção de saias, sobre-saias, corpinhos, corpetes e espartilhos, para adotar vestimentas que lhe deixassem mais liberdade de movimentos. Mas mesmo assim... basta ver uma fotografia de Bandeirantes da época, cujo uniforme era composto de calção, saia pregueada e chapéu.

Outra influência da guerra: a terminologia adotada, decorrente da carreira militar de Baden Powell. As Coordenadoras eram capitãs, D. Jeronyma, Comandante em Chefe, havia companhias, patrulhas, cortes de honra, monitoras. Marchávamos muito. Havia vários tipos de exercício: de companhia de chamada, de primeiros socorros. As jovens gostavam. Era moderno, avançado e ousado...

A 30 de maio de 1919, as pessoas convocadas pelo Sr. Barclay, portador da carta de Lady Baden-Powell, reuniram-se à Rua São Clemente, na casa da Sra. Adéle Francisca Lynch, no Rio de Janeiro. O Sr. Barclay contou aos presentes como havia sido procurado por Olave Baden-Powell e declarou que ela teria enorme satisfação ao ver aquele grupo tão representativo reunido ali. Em seguida o Sr. Edmund Lionel Lynch leu uma exposição das bases do movimento inglês das Girl Guides. A Sra. May Mackenzie falou do fascínio que o Movimento exercia sobre as meninas de todo o mundo e contou o trabalho realizado durante a guerra. A Sra. Eugênia de Barros Lacerda fez a seguir um apelo às famílias brasileiras, para que apoiassem o novo Movimento. Para terminar foi organizada a Comissão Executiva, sob a presidência da Sra. Eugênio de Barros Lacerda. Dela faziam parte, entre outros, D. Jeronyma Mesquita, Mons. Rangel, o Senador Mozart Lago, a Sr. Antonio Azeredo, a Sra. May Mackenzie e a Sta. Clara Santos. A reunião terminou com um chá, servido ao som da música de uma orquestra...

Lady Baden-Powell, ao enviar uma carta ao Brasil, sugerindo a criação das "girl-guides" aqui, teve muita sorte, pois o recado foi parar às mãos de Jeronyma Mesquita. D. Jeronyma havia trabalhado como enfermeira durante a guerra e compreendia a necessidade de dar à mulher um papel mais atuante e útil na sociedade. Assim deu todo seu apoio à organização desse movimento pioneiro – entre nós era quase um escândalo um grupo de moças se uniformizar e se reunir para fazer alguma coisa que valesse a pena.

A 13 de agosto, em casa de Lady Mackenzie, à Av. Atlântica, 11 jovens faziam sua promessa fundando o Movimento Bandeirante no Brasil. Lady Mackenzie, Clara Santos e o Major Mac Crimmon haviam preparado as jovens durante os dois meses decorridos da primeira reunião. Elas eram as futuras "chefes" e cada qual iria abrir sua "companhia" em diversos bairros do Rio de Janeiro.

IMPLEMENTAÇÃO

Estava fundado o Movimento Bandeirante, mas quase tudo estava por fazer. A começar pelo nome que, no princípio, era mesmo "Girl Guides", o que nos ocasionou algum embaraço, pois muita gente pensava que era um movimento inglês. Foi quando o Professor Jonathas Serrano escolheu para nós "Bandeirantes", indo buscar na História do Brasil o sentido pioneiro do novo Movimento. Logo nos

sentimos “desbravadoras de preconceitos errôneos”, na frase da poetisa Maria Eugênia Celso, citada, inevitavelmente, sempre que alguém falava de nós.

Como primeiro fator de implantação, Violet Atkinson Grimshaw, uma chefe inglesa que veio especialmente ao Brasil, Lygia Darcy e Maria de Lourdes Neiva de Lima Rocha, empreenderam a adaptação dos programas e normas inglesas. O resultado foi a primeira edição do “livro de Regras e Organização”. Ela correspondeu a um aumento de efetivo e por ocasião da visita dos Reis da Bélgica ao Brasil (evento que marcou época) as Bandeirantes apareceram em grande estilo, em seus vistosos uniformes brancos.

Nessa década dos vinte, as mulheres continuavam sua arrancada de libertação. Um procuravam ser mais ousadas do que os homens. Surgiam as aviadoras, como Anésia Pinheiro Machado e Tereza Marques, que realizavam sensacionais raids Rio-São Paulo, em seus frágeis aviões, sendo carregadas em triunfo nos aeroportos, então chamados de “campos de aviação”. Outras já iam desistindo de adotar atitudes masculinas, partindo em sentido contrário para a valorização de sua feminilidade, externada ousadamente. As saias subiam acima dos joelhos, a juventude dançava loucamente o charleston, enquanto persistiam as sessões lítero-musicais, onde mocinhas prendadas recitavam. Era um época caótica, de contrastes. A época das “melindrosas” e dos “almofadinhas”.

O Bandeirantismo procurava se equilibrar entre os extremos: os uniformes se tornavam mais femininos, a nomenclatura menos militarizada. As especialidades de “Serviços Doméstico”, “Cozinha”, “Lavadeira”, “Higiene Infantil”, “Primeiros Socorros”, eram os mais valorizados, num evidente apoio à idéia de que “o lugar da mulher é em casa”... Mas por outro lado, um grupo de chefes realiza um acampamento em Itaipava, levando essas moças para longe do lar e da proteção de seus pais, numa tentativa de alargar seus horizontes.

No fim dos cinco primeiros anos da década dos vinte, o Bandeirantismo estava em crise. O grupo inicial se dispersara. Algumas haviam casado, outras viajado, poucas restavam. A sociedade tradicionalista do Rio de Janeiro, quarenta anos antes de João XXIII, olhava com desconfiança um Movimento que taxava de protestante por causa de sua origem inglesa.

Foi quando um jovem estuista que voltava de uma viagem à Europa, onde estivera com B.P. e vira o Escotismo em ação, resolveu acabar com os mal-entendidos. Era o P. Leovigildo Franca que, juntamente com Maria de Lourdes Lima Rocha, funda o conjunto escoteiro Bandeirante da Matriz do Sagrado Coração de Jesus. A posição religiosa do Movimento se clarifica: aberto a todas as religiões, numa posição ecumênica pioneira, proporciona a cada qual o conhecimento e a prática da sua própria religião. A sociedade e as autoridades religiosas aprovam essa atitude: o primeiro número da revista “Bandeirantes” circula a 29 de maio de 1927, tendo na primeira página uma bênção de D. Sebastião Leme, então Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Sob a orientação da FBB, havia fadas, lobinhos e Bandeirantes no Sagrado. Cada qual com um canto especial no terreno. A sede, espaçosa e alegre, era decorada com motivos indígenas. Edina Fernandes, Ogarita Sá e Silvia, Maria Tereza Lima Rocha, Guiomar Saraiva, eram algumas das chefes que ali atuavam.

O Bandeirantismo intensamente vivido no Sagrado, tendia a se irradiar: pela primeira vez tentou-se alargar seu campo de ação, levando-o às escolas municipais, às favelas, aos parques proletários.

Em 1929, a Matriz do Sagrado Coração de Jesus adquiriu uma casa de férias, em Itaipava, no Estado do Rio de Janeiro, que logo se tornou centro de treinamento Bandeirante. Foi o início do ciclo Bandeirante de Itaipava e da década dos trinta.

CONSOLIDAÇÃO

A casa de Itaipava, no meio de um bosque de eucaliptos, era simples e simpática. Ali se viviam novas experiências de vida em Equipe e criava-se uma tradição. A Bandeirante que passasse por Itaipava adquiria certas técnicas e certo modo de ser que a marcava profundamente.

O Bandeirantismo, ainda timidamente, ultrapassava as fronteiras do Rio de Janeiro e adquiria uma consciência nacional. Em 1931, funda-se uma companhia em Campanha, Minas Gerais, e Bandeirantes do Espírito Santo acampam em Tucum. Em 1932, o Conselho de Região do Rio de Janeiro separa-se do Conselho Nacional. Há agora dois conselhos no Rio, um nacional e outro regional. Em 1933, funda-se a Região da Bahia, durante o 1º Congresso Eucarístico Nacional, ao qual havia comparecido um grupo de Bandeirantes. Em 1934, Alzira Sodré funda a Região do Pará. Em 1935, funda-se a Região de São Paulo. Em 1937, a do Estado do Rio. O Conselho Central, como era chamado, reunia-se mensalmente, com representantes dos estados onde havia Bandeirantes. Eram pessoas residentes no Rio ou Niterói, que mantinham correspondência com os grupos fora do Rio. Esses grupos eram ainda bastante instáveis. Era no Rio que o Bandeirantismo intensificava sua vivência, elaborando o programa dos Ramos, que naquela época eram três: fadas, Bandeirantes e guias.

Em Itaipava, muito antes da reforma litúrgica da Igreja, intensificava-se a participação das Bandeirantes na Missa e a para-liturgia era utilizada como recurso educativo. Ficou memorável um fogo de conselho com um desfile de mulheres célebres da Bíblia.

Em 1933, realiza-se o primeiro acampamento nacional, no Alto da Boa Vista, no Rio, com Bandeirantes do Distrito Federal e do Espírito Santo. Em 1937, o segundo, já com a participação de 4 estados.

O Movimento projeta-se para fora do Brasil: em 1930 é reconhecido como membro da Associação Mundial, porém foi só em 1936 que uma delegação do Brasil comparece, na Suécia, a uma Conferência Mundial. Em 1955, pela primeira vez uma Bandeirante viajara, como tal, para o exterior, a fim de comparecer a um acampamento internacional nos Estados Unidos. Foi ela Gloria da Silva Porto, do Rio de Janeiro.

A década dos trinta foi marcada pela grande atuação de Alice Carvalho de Mendonça, como Presidente da FBB. Donalice, como era chamada, deu nova dimensão a seu cargo que até ali fora apenas social, de representação. O apoio total que dava às iniciativas, a generosidade com que abria a todas as Bandeirantes o seu coração e a sua casa, constituíram colaboração decisiva ao trabalho de Maria de Lourdes Lima Rocha, então Bandeirante-Chefe. Juntos formaram e deram meios de trabalho a um grupo notável de chefes que, unido e idealista, formou a base da grande expansão do Bandeirantismo nas décadas seguintes.

O apagar das luzes da década dos trinta viu o mundo em guerra. Como sempre acontece, o desejo de aliviar o sofrimento e superar a destruição e a morte, foi fator de motivação para muitas iniciativas positivas. Para o Bandeirantismo foi também fator de expansão. Os serviços de guerra, notadamente na Bahia, junto aos naufragos dos navios torpedeados em nossas costas, tornaram o Movimento conhecido nacionalmente.

EXPANSÃO

O apagar das luzes da década dos trinta ainda viu o mundo em guerra.

Terminada a segunda Guerra Mundial com a vitória dos aliados, a democracia vencera no mundo. No Brasil Getúlio Vargas, ditador desde 1937, já não tinha bases em que se apoiar, sendo deposto no final de 45.

O fim da guerra marcou uma aceleração das conquistas tecnológicas. A Guerra Fria e o medo da energia atômica – desencadeado com as bombas que destruíram Hiroxima e Nagasáqui – passaram a fazer parte do nosso dia-a-dia.

Como sempre acontece, o desejo de aliviar o sofrimento e superar a destruição e a morte foi fator de motivação para muitas iniciativas positivas. Para o Bandeirantismo foi, também, fator de expansão. Os serviços de guerra, notadamente na Bahia, quando as Bandeirantes foram chamadas em socorro aos naufragos dos navios brasileiros torpedeados em nossas costas, tornaram o Movimento conhecido nacionalmente.

Aos poucos o Bandeirantismo vai ganhando os estados. As Regiões mais antigas fundam grupo nas cidades do interior. Ao mesmo tempo que se expande, o Movimento também se organiza. Seu programa é bem estruturado e exige-se muito das chefes, procurando-se manter o gabarito do Grupo inicial.

Partindo do Rio de Janeiro em grandes excursões, iam semeando o Bandeirantismo pelo caminho. Primeiro foram os estados sulinos, em 1942. Seguiram-se excursões ao interior de Minas Gerais, ao Pantanal de Mato Grosso... porém, a mais aventureira delas foi a que emprenderam por mar, a bordo do "Almirante Saldanha", navio-escola da Marinha, para ir a uma concentração nacional na Região da Bahia, em 1946.

O Conselho Central, agora chamado Conselho Nacional, é o instrumento principal desse trabalho. A ele comparecem, anualmente, delegações de todas as Regiões, que ali debatem seus problemas e buscam soluções.

Em 1944, a Região do Rio de Janeiro já havia festejado seu Jubileu de Prata com um grande Acampamento Nacional no Parque da Cidade, ao qual compareceram delegações do Pará, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e da recém fundada Região do Rio Grande do Sul.

O Brasil também participa de várias reuniões, assembléias e acampamentos internacionais, e as Bandeirantes brasileiras passaram a integrar comitês mundiais. Em 1948, junto com o Canadá e os Estados Unidos, o Brasil foi co-hospedeiro da Conferência Mundial de Cooperstown, EUA, enviando, àquele país, uma delegação de 40 pessoas.

Na década dos quarenta, era Presidente da FBB Vera Delgado de Carvalho, e, Bandeirante Chefe, Adele Lynch. Foram substituídas nos anos cinquenta por Maria José de Queiroz Austregésilo de Athayde, Presidente, e Maria Luiza de Vasconcellos e Rosita Sampaio Bahiana, sucessivamente, Bandeirantes Chefe.

Essas diretorias empenharam-se com total dedicação em dar uma situação estável à FBB, conseguindo a doação de um terreno no Rio de Janeiro pelo então Presidente Getúlio Vargas, em 1943, e a construção da sede própria, finalmente inaugurado em 1959, com a presença do Presidente Juscelino Kubstschek de Oliveira.

Os anos 50 foram marcados, no Brasil, por grandes acontecimentos. A volta de Getúlio Vargas como Presidente eleito em 1950, a campanha contra seu governo, e o seu suicídio, em 1954, foram fatos marcantes na política nacional. O Presidente que se seguiu, Juscelino Kubstschek, de 1955 a 60 trouxe uma euforia desenvolvimentista a todo o país. Eram os anos J.K, "50 anos em 5", cuja finalidade era modernizar o Brasil, o que se refletiu em todos os setores nacionais.

Existiam, ainda, no mundo, o impacto das guerras e o medo das bombas, gerando conflitos e movimentos como o Existencialismo, na França, onde o homem seria um "ser-no-mundo", "condenado à liberdade" de decidir os rumos de sua vida. Aparecia o jovem rebelde no cinema, na música, nas artes em geral, refletindo a ruptura de padrões tradicionais de milhões de jovens que desejavam "viver intensamente". Ao mesmo tempo o Brasil, mesmo influenciados pelos movimentos de fora – também refletindo o otimismo que aqui acontecia – crescia na música um movimento com um estilo intimista que, em 1958, tomou o nome de Bossa Nova. "A taça do mundo é nossa".

No futebol, uma alegria nacional: Brasil, campeão do mundo em 1958. Surgia o Cinema novo, ávido de realidade. Uma revolução também ecoa nos tabladados: nascem o Teatro de Arena e o Grupo Oficina.

Difícil não ser contagiado. No ano do centenário de Baden-Powell, a XVI Conferência Mundial, realizada no Quitandinha, em Petrópolis, contou com 35 países. Inaugurando os trabalhos e estudos relacionados com o movimento mundial, houve uma grande exposição no hall do hotel, onde foi lida uma mensagem da Rainha Elizabeth II da Inglaterra e outra de Lady Baden-Powell. As visitantes estrangeiras, no encerramento da Conferência, foram convidadas a um encontro com o Presidente Juscelino e recepcionadas no Itamaraty.

A construção da sede da Federação de Bandeirantes do Brasil mobilizou todas as Bandeirantes. Com a "festa dos Patronos", elas inauguraram o edifício de oito pavimentos, à Rua Marechal Câmara – 186, em 19 de março de 1959. Neste mesmo ano, outro acontecimento marcante foi a visita de Lady Baden-Powell, Chefe Mundial das Bandeirantes, em sua 1ª visita à América do Sul. Lady Baden-Powell visitou Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, deixando uma forte impressão pelo amor ao

Bandeirantismo. Aquela senhora de 70 anos. Como ela mesmo disse: "...somos uma única e grande família, e como constituímos um grupo tão feliz, é preciso fazer com que outros gozem também desta felicidade".

REFORMULAÇÃO

No mundo todo, esta era a palavra de ordem. Nos anos 60 era "engajar-se", isto é, ter uma participação ativa na mudança da sociedade. Havia uma preocupação com uma ordem social mais justa e uma revisão crítica dos valores culturais.

O mundo perde, no início do ano de 63, o Papa da Paz, João XXIII, e o Presidente dos EUA John Fitzgerald Kennedy, assassinado no final deste mesmo ano.

No Brasil, a década de 60, com a renúncia de Jânio Quadros à Presidência, em 1961, marcou-se por os anos de adaptação do governo João Goulart e os militares, que assumiram o controle da nação em 64, trazendo grandes transformações para o país.

Esta década também foi marcada pelo advento do chamado "poder jovem" dos movimentos de protesto e rejeição de estruturas rígidas.

O Bandeirantismo, no início dos anos 60 atingiu o que em termos quantitativos, foi até hoje o seu ponto máximo.

EXPANSÃO

De repente as Bandeirantes descobriram o Brasil. Partindo do Rio em grandes excursões, iam semeando o Bandeirantismo pelo caminho. Primeiro foi aos estados sulinos, em 1942. Seguiram-se outras: ao interior de Minas Gerais, ao Pantanal de Mato Grosso... mas, a mais aventureira delas foi a que empreenderam por mar, a bordo do Almirante Saldanha, navio-escola da Marinha, para ir a uma concentração nacional na Região da Bahia, em 1946.

Em 1944, a Região do Rio de Janeiro já havia festejado seu Jubileu de Ouro, com um grande acampamento nacional no Parque da cidade, ao qual compareceram delegações do Pará, Bahia, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará e de recém-fundada Região do Rio Grande do Sul.

Aos poucos o Bandeirantismo vai ganhando os estados. As Regiões mais antigas fundam grupos nas cidades do interior.

Ao mesmo tempo que se expande, o Bandeirantismo se organiza. Seu programa é bem estruturado e exige-se muito das chefes, procurando-se manter o gabarito do Grupo inicial.

O Conselho Central, agora chamado Conselho Nacional, é o instrumento principal desse trabalho. A ele comparecem anualmente delegações de todas as Regiões que ali debatem seus problemas e buscam soluções.

Em 1948, o Brasil foi, com o Canadá e os Estados Unidos, co-hospedeiro da Conferência Mundial de Cooperstown, Estados Unidos, enviando aquele país uma delegação de 40 pessoas.

No início da década dos quarenta o Brasil está em plena era getuliana. O fim da guerra marcou uma aceleração das conquistas tecnológicas do Século XX. Foi liberada pelo Homem, brutalmente, a energia atômica, destruindo de um só golpe duas cidades, Hiroshima e Nagasaki. O mundo estarrecido acordou certa manhã e percebeu que teria de conviver dali por diante com a Bomba.

Dez anos depois, na década que marca a metade do Século, o homem lança no espaço o esputínique e se desprende da terra para ir se misturar às estrelas. Os computadores cada vez atingem velocidades mais astronômicas, permitindo realizações que poucos anos antes nem eram sonhadas. A poluição aumenta, a natureza é violentada e o homem sente-se como o aprendiz de feiticeiro que não consegue mais dominar as forças que desencadeou.

Na década dos quarenta, era Presidente da FBB Vera Delgado de Carvalho, e Bandeirante-Chefe, Adele Lynch. Foram substituídas nos anos cinquenta por Maria José de Queiróz Austregésilo de

Athayde, Presidente e Maria Luiza de Vasconcellos e Rosita Sampaio Bahiana, sucessivamente Bandeirantes-Chefe.

Essas diretorias empenharam-se com total dedicação em dar uma situação estável à FBB, conseguindo a doação de um terreno no Rio e na construção da Sede própria. Toda a FBB trabalhou para erguer a sede, que é finalmente inaugurada em 1959, com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Sensacional. Meses depois ele partiria para outra inauguração, Brasília!

Neste mesmo ano de 1959, outro acontecimento marcante foi a visita de Lady Baden Powell ao Brasil. Ela visitou Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre. Passou por estas cidades deixando lembranças e saudades. Uma pessoa simples, alegre, interessada em tudo que via e do que lhe era mostrado. Não esquecendo nunca o "humour" britânico. O que chamava a atenção nesta senhora de setenta anos era também o enorme amor pelo Bandeirantismo. Como ela mesma disse: "... somos uma única e grande família e como constituímos um grupo tão feliz é preciso fazer com que outros gozem também desta felicidade" o que sintetiza sua idéia mais arraigada, que era a expansão do Bandeirantismo.

No jantar que lhe foi oferecido no edifício-sede das Bandeirantes do Brasil, Lady Baden Powell enfatiza mais uma vez, diante das Bandeirantes e dos Escoteiros, sua esperança de que tanto o Bandeirantismo como o Escotismo continuem a desempenhar um papel cada vez mais importante na sociedade em que vivemos.

Outro acontecimento marcante foi a Conferência Mundial que se realizou em Petrópolis, em 1957, e trouxe a nosso país Bandeirantes do mundo inteiro.

Surgiram uma série de movimentos de protestos e rejeição de estruturas rígidas. Pareceu que, de repente, toda a orientação do passado não correspondia mais às necessidades do presente. João XXIII convoca o Concílio Vaticano II e lança a agitação dessa busca de novos caminhos também dentro da Cristandade.

REFORMULAÇÃO

No início da década dos sessenta, o Bandeirantismo atingiu o que, em termos quantitativos, foi até hoje seu ponto máximo de desenvolvimento: seu efetivo chegou a beirar os 20.000 membros. Mas logo a seguir, pela primeira vez desde sua fundação, houve reversão da tendência expansionista: o efetivo diminuiu, em vez de crescer.

Em 1962 assume a presidência da FBB Maria Teresa Lima Rocha Figueira de Mello, sendo Bandeirante-Chefe Ana Maria de Goes Calmon. Foram sucedidas, em 1966, por Lya Roquette Pinto e Edelvira Gomes Fernandes.

Essas diretorias da FBB primeiramente tentaram capacitar melhor as lideranças, julgando que na deficiência de sua atuação, se encontrava a razão da evasão. Foram publicados vários livros e manuais para os ramos, em que já se nota uma inquietação, uma maior abertura. Porém as causas evidentemente eram mais profundas e partiu-se para o estudo do programa e da estrutura do Movimento, numa tentativa de adaptá-lo não só às novas realidades mundiais, mas também às realidades tão diversas das várias regiões do Brasil.

Em 1967, o Conselho Nacional reúne-se na "Aldeia" em Arcozelo, Rio de Janeiro, para pesquisar e analisar o Movimento Bandeirante, contando com um grupo de técnicos que apresentaram um diagnóstico do Bandeirantismo, o qual serviu de base para o treino de Fortaleza, no mesmo ano: cerca de 400 coordenadoras de todos os Ramos, representando as Regiões do Brasil, aprofundaram e levaram avante a pesquisa inicial. Adotou-se experimentalmente para a direção da FBB o regime Colegiado, que teve como uma de suas conseqüências a redução da idade média dos membros do Nacional. A diretoria que passava a integrar o Colegiado, se situava em faixa etária mais alta (40-50 anos), porém a Coordenação técnica ficou na faixa dos 20-30 anos, seis membros mais jovens, com voz nas decisões.

Esse Colegiado e a Equipe Nacional de Estudos (formada por elementos das Regiões) assessorados principalmente por Andréa Mandim, Maria Luiza de Vasconcellos, Therezinha Fram e Vera David de Sanson, elaboraram o DB1, documento calcado em tendências educacionais as mais modernas. Apesar de imperfeições, ele cumpriu sua finalidade de lançar as bases da reformulação do programa e foi aprovado, em 1969, pelo então Conselho Nacional, como início de todo um trabalho a ser desenvolvido e testado nos próximos anos.

Qual o sentido da reformulação empreendida? Em síntese pode-se dizer que foi a estruturação mais flexível do programa e do Movimento; a transformação do espírito de liderança Bandeirante: as chefes passaram a coordenadoras; o incentivo à criatividade e à liberdade responsável, pela participação da criança, adolescente e jovem, na projeção de suas próprias atividades, deixando-os buscar seus próprios caminhos e assumir seus próprios compromissos; a procura de maior integração nas comunidades, de uma abertura total a outros grupos; o incentivo às atividades mistas e à coeducação. A vida em Equipe, a vida ao ar livre, o compromisso e a progressão foram reinterpretados e assumiram ainda maior importância no Movimento.

Em 1968 começou o Ano Jubilar de Ouro da FBB, marcado por uma Campanha Nacional de Educação para a Saúde, da qual participaram todas as Regiões, numa evidente comprovação de sua vitalidade. O Ano Jubilar fechou-se em agosto de 1969, com uma memorável Semana Bandeirante. 50 anos de fundação! Entre as inúmeras promoções em todo o Brasil, destacamos aqui uma do Setor de Relações Públicas da FBB, por ser para nós densa de significado: a Cápsula do Tempo. Materialmente, é apenas um tubo estanque que encerra documentação sobre o Bandeirantismo dos primeiros cinquenta anos. Foi colocada num monumento, à Av. Franklin Roosevelt, em frente à Sede Nacional, no Rio de Janeiro, para ser aberto pelas Bandeirantes do ano 2.019, quando o Movimento fizer 100 anos. O monumento já se integrou à paisagem, poucos reparam nele. Mas para nós ele é uma afirmação de nossa esperança de sobrevivência apesar de tudo, esperança feita de confiança nos que passaram, passam e passarão pelo Movimento Bandeirante.

ATUALIZAÇÃO

A partir da década de 70 caracterizou-se uma maior abertura e participação do Movimento Bandeirante na comunidade. Foi o tempo dos Campos de trabalho, festivais, do Projeto Natureza, da capacitação, intensa da coordenação nacional e, entre outros, dos 50 anos do Jornal Bandeirante.

Desenvolveram-se atividades com a comunidade, nas áreas de saúde e higiene, saneamento básico e recreação, buscando, ainda, mobilizar e organizar os jovens e adultos da comunidade, através do lazer, cursos profissionalizantes e orientação social.

O curso para Formação de Monitores de Alfabetização, realizado por meio de uma atividade pioneira, que preparou 38 alfabetizadores, aconteceu dentro do VII Intercâmbio Nacional de Guias.

O Festival de Arte Jovem de Salvador, em 1972, tinha como objetivos despertar vocações, desenvolver a criatividade, trabalhos em grupos e valorizar as tradições culturais. Além dos ateliers, foi realizado, na Escola de Belas Artes, um "Dia da Criatividade" aberto à participação de toda a comunidade.

Foi criada a Equipe Ecumênica, atuando e participando do desenvolvimento dos temas ligados à espiritualidade, assim como vários projetos comunitários que foram desenvolvidos, em todas as Regiões, houve também, grande preocupação em todas as Regiões com o Estudo e a Capacitação realizando-se vários encontros. Aconteceu também, no Rio de Janeiro, Conferência do Hemisfério Ocidental, em março de 77, trazendo para o Brasil 23 países participantes.

Estas e muitas outras atividades do Movimento Bandeirante tiveram sempre a preocupação de incluir todo o Movimento Bandeirante, e de participar dos problemas do mundo de hoje.

A experiência de Grupos Mistos desenvolvido desde 68 passou a ser mais sistematizado.

O Acampamento Nacional de Guias, realizado no Rio de Janeiro, em 78, e o Acampamento Nacional de B2, na Parnaíba, Piauí, dedicaram-se ao aperfeiçoamento do jovem.

Seguindo uma das metas do Bandeirantismo a ajuda ao próximo – a participação comunitária sempre esteve muito ativa, como em 1983, ano de socorro às últimas das enchentes no Sul e da seca do Nordeste.

Os 65 anos do Movimento Bandeirante no Brasil, em 1984, foi motivo para grandes e significativas comemorações. Dentre estas, um painel de debates, do qual participaram educadores, escritores, representantes de instituições e entidades comunitárias; o Acampamento Nacional dos Coordenadores, em Brasília; e o lançamento, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, do Bloco Comemorativo dos 65 anos da FBB.

Pelo trabalho comunitário realizado por Bandeirantes de Brasília na creche Paranoá, a FBB recebeu o diploma “Condecoração Olave”, na 25ª Conferência Mundial, nos Estados Unidos.

O ano de 1988 foi um ano de mudanças na FBB as Regiões e Distritos Isolados propuseram uma nova estrutura e composição do Colegiado Nacional. Pleiteavam maior dinamismo da ação do MB e maior participação nas decisões, o que foi aprovado na NA/89 quando houve a eleição do Colegiado que tomou posse em março de 89.

Na década de 90 a Federação de Bandeirantes do Brasil, em constante desenvolvimento, tem privilegiado um novo investimento em seu programa educacional, não formal para crianças e jovens, dentro do conhecimento dos temas atuais do mundo moderno e globalizado.

Estes anos têm sido marcados pelo crescimento do número de Organizações Não Governamentais e mudanças nas Organizações Governamentais, em decorrência do interesse da sociedade em resolver os problemas sociais das comunidades em que vivem. Muitas organizações foram criadas para trabalhar com temas como: mulher, meio ambiente, saúde e outros, que já faziam parte dos programas da FBB.

Assim, a Federação de Bandeirantes do Brasil, desde 1919, esteve inserida neste processo de crescimento e vanguarda, fazendo parte de diversos canais de integração e interlocução com essas organizações. Um exemplo disso, nesta década, foi sua participação no Fórum Brasileiro de ONG's, instância criada para discutir os problemas ecológicos brasileiros e levantar propostas para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO/92), que foi realizada em 1992 no Aterro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro.

Muitos encontros e contribuições, da forte participação da FBB naquela instância, aconteceram. Em 1991, enviaram-se duas jovens Bandeirantes brasileiras para a Conferência de Jovens sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na sede da ONU, nos EEUU, como forma de preparação e distribuição de informações sobre as ações da juventude. Esta Conferência foi uma das atividades que antecederam a ECO/92.

No ano de 1992 a FBB participou ativamente do Fórum Global e da ECO/92 – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, contribuindo com seu trabalho em diversos workshops, no Projeto Árvore da Vida e no Fórum do Futuro.

Sempre interessada em inserir seu trabalho nas comunidades como uma forma de ajuda ao desenvolvimento destas, foram realizados inúmeros projetos ligados ao tema “Água” em diversas Regiões e Distritos Bandeirantes de todo Brasil, como adesão à iniciativa proposta pela Associação Mundial de Bandeirantes.

Ainda no início da década de 90, foi criado um Pool de Treinadoras Regionais, como forma de capacitar treinadoras dos diferentes estados brasileiros e onde existiam Sedes Bandeirantes. Foram realizados o I e II Encontros de Treinadoras, com um público aproximado, em cada um, de 15 treinadoras.

Enquanto capacitava os Treinadores Regionais e realizava, com os Grupos Bandeirantes, trabalhos comunitários, a Organização, suas Regiões e Distritos sentiram fortemente a necessidade da atualização dos programas educativos, em vista das profundas mudanças que sofria a sociedade

brasileira. Os jovens interessavam-se, cada vez mais, pelo mundo novo, cada dia aproximando-se mais de uma visão globalizadora pela utilização dos computadores, da Internet, de inúmeros programas de intercâmbio que iam sendo criados; dos shows e espetáculos de repercussões mundiais que tinham, agora, acesso; dos novos jogos como os videogames, que criam aventuras e constante aperfeiçoamento dos resultados já antes alcançados; do interesse pelas notícias atuais do Brasil e do Mundo; pela sua possibilidade de inserção na política e de outras situações novas que os envolviam.

Visando o redirecionamento do trabalho da Organização e a preparação quanto à rápida transformação e do trabalho que seria necessário realizar nos anos seguintes, o escritório Nacional da FBB e o conjunto de Regiões e Distritos contrataram uma Assessoria de Marketing que estudo junto à Direção Nacional um projeto institucional onde fossem bastante definidas: a Missão do Movimento, as áreas de trabalho do escritório Nacional e as principais ações que precisariam ser realizadas para o fortalecimento de nossos Planos de Ação na seqüência dos anos 90.

Deste projeto adveio a divisão do trabalho do escritório Nacional em quatro áreas: Produto, Comunicação, Administração e Apoio.

Em decorrência, apareceu a necessidade de um programa educativo forte, levantado pelo conjunto de coordenadores participantes do Movimento, pela pesquisa POMB e pelas análises feitas nas Assembléias Nacionais pelos Dirigentes Regionais.

Iniciou-se, assim, em 1994, o estudo dos Programas Educativos para os Ramos Bandeirantes.

Foi estudado o Método Bandeirante, redimensionadas as áreas de seus Programas, seus objetivos educativos, as atividades que seriam propostas e a sistemática de organização e funcionamento, em cada Ramo. O primeiro programa lançado foi o do Ramo Ciranda, em 1995. Nos anos subsequentes, foi a vez dos programas dos ramos B1 e B2.

Para o processo de implantação dos Programas foram necessários treinos nacionais, setoriais para capacitação de todos os Coordenadores de Grupos e Distritos.

Com a preocupação de criar um suporte ao trabalho das Regiões, também foram realizados os Treinos para Dirigentes, com a finalidade de discutir e capacitar membros de Diretorias Regionais e de Distritos em temas importantes e para a inserção do trabalho realizado pelo Movimento Bandeirante de uma forma definitiva, bem como uma forma de Administração, que visasse a qualidade do trabalho realizado e o atendimento às necessidades dos Bandeirantes de um mundo em transformação.

Paralelos a todo este processo, foram lançados Projetos Nacionais para atenderem aos interesses de Bandeirantes, crianças e jovens, como: o "Intercâmbio entre jovens", a revitalização da "Caixa de Correspondências", o "Fórum do Futuro" (Encontro Nacional do Ramo Guia).

Em decorrência da continuidade dos trabalhos comunitários Bandeirantes, realizados pelos Distritos e Grupos Bandeirantes em todo Brasil, houve a participação em inúmeros Encontros promovidos por Organizações Não Governamentais e Organizações Governamentais. No sentido do trabalho comunitário, o "Projeto Criança Viva", desenvolvido pelo Distrito Nova Friburgo da Região do Rio de Janeiro, recebeu, em 1995, o Prêmio Olave, concedido pela Associação Mundial de Bandeirantes como o melhor projeto comunitário realizado por Bandeirantes em todo o mundo naquele ano.

A Federação de Bandeirantes do Brasil está ciente de que ainda há muito a fazer. Mas está a caminho do próximo século com ações direcionadas ao alcance de um trabalho de alta qualidade e de profunda inserção nas questões da nova sociedade em que vivemos.

Santa Joana D'Arc

Chamada a "Donzela de Orléans", heroína francesa nasceu em Domrémy em 1412.

Aos 13 anos ouviu vozes divinas ordenando-lhe partir a fim de salvar Orléans, sitiada pelos ingleses.

Em 1429 incorporou-se ao exército francês onde lutou como verdadeira guerreira e, após várias vitórias, conseguiu reacender o sentimento nacional, o que conduziu Carlos VII a Reims onde foi sagrado rei dos franceses.

A guerra continuou e Joana D'Arc procurando salvar Compiègne foi capturada por João de Luxemburgo em 1430 que a entregou aos ingleses por 10.000 escudos. Estes, a encerraram no castelo de Rouen.

Declarada herética por um tribunal da Santa Inquisição, a queimaram viva na praça do Velho Mercado, em Rouen a 30 de maio de 1431. Em 1450, Carlos VII depois de exigir uma investigação sobre as circunstâncias de seu processo e suplicio, reabilitou Joana D'Arc.

A Igreja Católica reconheceu sua santidade mas somente em 1909 ela foi beatificada para, finalmente em 1920 ser considerada santa. É a padroeira da França.

Joana D'Arc inspirou várias óperas especialmente Verdi, Tchaikovsky e A. Honnegger. Inspirou também vários dramas escritos por Schiller, Bernard Shaw e Paul Claudel. Peças e filmes também tiveram Joana D'Arc como inspiração.

Sua fé em Deus, sua tenacidade em salvar seu povo, sua encarnação de bondade, coragem e amor ao próximo, serviu de exemplo para o Bandeirantismo considerá-la a padroeira das Bandeirantes.

No dia de sua festa, aqui no Brasil, dia 31 de maio, todas os Bandeirantes são convidados a renovar suas promessas para terem sempre presentes no espírito, as virtudes daquela que, além de santa, é o verdadeiro exemplo do Bandeirante cem por cento.

Uma Bandeirante no ponto do ônibus

Desde garota possuía um dom diferente da média.

Percebia o outro. Entendia o que ia dentro das razões até de quem a ofendia. Os pais chegaram a pensar em haver trazido ao mundo uma vocação religiosa, hipótese que agradava ao pai, cristão profundo embora pouco religioso, e assustava a mãe, católica praticante, nada obstante, contrária à idéia.

Por conta própria, já mocinha, procurou a sua forma de doação. Sem nada dizer aos pais foi ser Bandeirante. Quando o irmão a viu no uniforme caiu em cima, debicando: "coisa do passado, caretice", falou até em modelo fascista. Era mais velho, vivia um momento radical, estava na idade dos rótulos. Ela o compreendeu mas chegou a temer. Descobriu, porém, dia a dia, experiência a experiência, por conta própria, que o Bandeirantismo evoluíra e nem em seu colégio, lugar de jovens super-avançados da Zona Sul, todos filhos de intelectuais ou de gente de recursos, nem lá, que era um barato, debatia temas, discutia o país e sentia a mesma e misteriosa sensação de servir, a única que realmente levava-a a identificar-se em profundidade com o ato de estar viva e a sensação de cumprir misteriosos designios.

Também se percebia diferente no hábito de só agradecer à vida, o que a predispunha – sem que se explicasse porque a um natural contato com a felicidade: namorava numa boa, era capaz de amar, discutia com os pais e discordava firme, porém nenhum conflito essencial deslustrava o sentimento de

enorme amor por eles. Participava politicamente desde os dezesseis anos e sendo assim aparentemente ou profundamente "certinha" obtinha um ministério raro: os jovens mais problemáticos do colégio e do círculo de amigos, justo os que pensavam e agiam diferentemente de tudo o que era e representava, mais a procuravam para um enorme exercício de confiança.

Um dia um deles chegou a dizer-lhe, entre risos:

- Sabe que seu equilíbrio me irrita...

Vejo-a parada esperando o ônibus, uniforme de Bandeirante. Sensualidade nas formas jovens mas já definidas em sua sinuosidade, bela loura penugem sob a orelha. Está pensativa. Juro adivinhar-lhe o interior.

Passa-me pela sensibilidade a emoção de ver e até sentir elevada forma de amor por aquela jovem; por percebê-la viva, inteira, intensa, inocente, bela, útil; por ser disponibilidade e sonho na direção de um novo mundo, aquele em que a gente foi cansando de acreditar mas, não sabe porque, comove-se ao vê-la tão inteira, tão menina e mulher seguindo a própria vocação.

Artur da Távola
O DIA, 12 de outubro de 1995

BANDEIRANTES

Tem-se falado tanto ultimamente de juventude transviada, que é reconfortador receber notícias da outra, isto é, da juventude que está no bom caminho. A esta pertencem as Bandeirantes do Brasil. Comunicou-me a sua federação pela amável palavra de sua Presidente, a Sra. Maria José de Queirós Austregésilo de Atayde, que em julho próximo haverá no Hotel Quitandinha a 16ª Conferência Mundial Bandeirante, com representantes de 35 países, e simultaneamente um Acampamento Nacional de 600 moças.

A gente não sabe das coisas e pensa, por exemplo, que a atividade das Bandeirantes se limita a andar pela rua com aquela fardinha alegre e fazer de vez em quando uma excursão gozada fora da cidade. Por isso, grande é a nossa surpresa quando se nos revela que aqui no Distrito Federal elas cuidam da recreação das crianças do Hospital da Missão da Cruz, e por ocasião do incêndio da favela da Praia do Pinto foram incansáveis em auxiliar as vítimas da catástrofe; que em São Paulo trabalham efetivamente no Hospital das Clínicas na recreação das crianças, na enfermaria dos queimados e ainda no Banco de Sangue; que em Rio Claro, Estado de São Paulo, vão uma vez por semana ao Asilo dos Velhos costurar e prestar ajuda nas refeições; que no Recife realizam assistência social no bairro-favela do Fernandinho, aplicando vacina B.C.G., vacina antivariola, distribuição de roupas, etc. que em Pelotas atuaram no socorro às vítimas da enchente de janeiro de 56, tendo sido uma Bandeirante condecorada pela Cruz Vermelha Brasileira; que por ocasião do Natal em todos os pontos do Brasil são elas chamadas a colaborar, ajudando ou organizando distribuições de roupas e gêneros alimentícios... Poderia continuar coluna abaixo nessa enumeração de tarefas sociais, que representa uma esplêndida folha de serviços. Estou certo de que em qualquer rincão do Brasil haverá um grupo de Bandeirantes cumprindo aquele item da sua promessa: *Ajudar o próximo em toda as ocasiões*, o qual não é mais que um corolário do mandamento de Cristo: *Ut diligatis in vicem – Amai-vos uns aos outros*.

A Conferência Mundial de julho comemora o centenário de Baden-Powell, o criador do Movimento Escotista, de que é ramo feminino o Bandeirantismo.

A idéia do general inglês vingou magnificamente em todo o mundo e congrega atualmente cerca de 4 milhões de mulheres em 35 países. Desses 4 milhões, 6 milhares são brasileiras. Não há motivos para ficarmos alarmados com outro caso sensacional de juventude transviada. Se ainda há alguma coisa pura e sadia no Brasil é a nossa juventude feminina: ela é em sua grande maioria, Bandeirante em espírito, senão federada, o que convirá ser também.

Manuel Bandeira
Folha da Manhã, 2 de junho de 1957

NUNCA HAVERÁ OUTRO TEMPO COMO ESSE!

Maria Clara Machado

"Põe uma garota de treze anos, com a cabeça cheia de fantasias, com o espírito inquieto de aventuras, ávido por viver aquilo que só lia nos livros, numa barraca de lona, no meio de um campo verde de capim melado, rodeado de eucaliptos, e deixa ela viver os melhores tempos de sua vida.

Já imaginaram estes primeiros contatos com a natureza, este acordar durante a noite cheia barulhos? Ou este cheiro de gado, este medo dominado dos mistérios de uma noite em barraca?

E de manhãzinha, o acordar molhado de orvalho, a barraca quente, o gelo cantando, o procurar dos gravetos para o primeiro fogo da manhã, o trabalho alegre em conjunto, a caneca cheia de leite fresco, o riso bobo por qualquer coisa, o sentimento solidário da patrulha, o trabalho pesado feito levemente porque feito na alegria da irmandade aceita...

Tudo isto formam meus dez anos de Bandeirante, onde descobrir pela primeira vez uma realidade muito mais forte, muito mais maravilhosa porque vivida e não somente imaginada, do que aquilo que eu lia nos livros sobre a natureza, sobre as aventuras dos acampamentos.

Talvez muito mais do que os lugares que conheci, as excursões que fiz, ficou em mim essa sensação do contato vivo com a natureza. Banhos de mar à noite, escaladas de madrugada em escarpas perigosas, noites dormidas num tombadilho do navio, descobertas de caminhos floridos na mata, ou então os prazeres mais simples da cozinha de campo, ou da conversa à beira do fogo.

À beira de um fogo descobri o verdadeiro sentido do teatro, da representação que era a minha maneira de comunicar, de dizer o que sentia e o que pensava.

Foi nos acampamentos, nos fogos de conselho, que senti o gosto do espetáculo completo. Lá aprendi a improvisar, a criar de folhas, de lençóis, de cobertores, de trapos e de imaginação, uma ação dramática que podia comover e distrair. No acampamento descobri a minha profissão".

LEMBRANÇA DA CONSTRUÇÃO DA SEDE

Maria José Austregésilo de Athayde

...falar a respeito da sua construção é como lembrar uma fase de luta, de constante pensamento, quase de obcecada paixão que foi aquela em que levamos a cabo a realização de um sonho.

Quando Lourdes Lima Rocha morreu, a nossa grande chefe Bandeirante, já a doação do terreno havia sido feita e o empréstimo através do LAPI prometido. Na hora de enterro de Lourdes, quando todas nós chorávamos a sua perda, Teté Figueira de Mello, sua irmã, disse à Alzira Vargas: “O nosso prédio era sonho de Lourdes; peça a seu pai que assine logo o que falta para formalizar a doação e o empréstimo”.

Alzira prometeu e cumpriu a promessa e agora era por mãos à obra para dar início à construção.

Pouco depois fui eleita Presidente da FBB e caiu sobre mim e pesado encargo de levar adiante o trabalho. Fiquei arrasada com o peso da responsabilidade bem acima do que era capaz.

...Formamos um Grupo de trabalho: eu, como Presidente da FBB, Teresa Lima Rocha Figueira de Mello, Teté como Vice, Maria Luiza de Vasconcellos, a Chefe Isa, e Gilda Rocha Miranda Sampaio, chefiando a Comissão da Sede. E começamos. O financiamento era de quarenta mil cruzeiros acredite quem quiser e logo a firma construtora ECISA, que já tinha entrado em entendimentos desde o tempo de Lourdes, deu início às fundações. O presidente da firma era o nosso grande amigo Dr. João Carlos Vidal, que tendo assumido a Prefeitura, deixou o cargo nas mãos do Dr. Júlio Barros Barreto, recomendando-nos que ficava tudo como se fosse com ele.

...Não desejo citar aqui o nome de ninguém da Federação; seria uma injustiça, pois todas trabalhamos com afinco. Apenas uma menção especial a Lulu de Souza Reis, Secretária da FBB, que foi incansável assessorando os trabalhos e tomando a si, grande parte do manejo da papelada da contabilidade e da burocracia.

Tudo foi feito para levantar mais dinheiro, pois logo vimos que o financiamento não era suficiente, e no decorrer da obra, houve duas elevações do salário mínimo.

Organizamos festinhas, sessões de cinema, chás, vendas de várias coisas executadas pelas Bandeirantes, de Norte a Sul do Brasil... Uma das coisas mais divertidas foram as “vendas de pechincha” onde, em lojas vazias cedidas pelos proprietários, organizávamos vendas de objetos usados: roupas, sapatos, enfim...

Uma vez aconteceu um episódio engraçado, que não resisto a contar aqui: fomos, Gilda Sampaio e eu a um programa de televisão com a idéia de dar início a uma “Campanha do Tijolo”, apelando para que os ouvintes dessem tijolos, nem que fosse um só, para a construção da sede. No dia seguinte o telefone nos chamou para irmos buscar um donativo, no centro da cidade, oferecido pela firma de um ouvinte que ficara entusiasmado com a nossa campanha. Lá fomos nós, cheias de esperanças e quando chegamos no escritório da firma, onde fomos muito bem recebidas, ganhamos um tijolo, um só, como colaboração. Agradecemos meio desapontadas e ao chegarmos à rua com aquele tijolo na mão, não pudemos conter uma boa gargalhada, que nos compensou da desilusão!... Mas o dinheiro estava acabado e apesar das festinhas, pechinchas, cinemas etc., não víamos meios de fazer surgir a quantia que nos permitisse terminar a obra.

Foi aí que um dia, numa recepção na Embaixada de Portugal, em conversa, queixei-me: “Esta noite quase não dormi pensando em como conseguir o dinheiro que falta para terminar a sede das Bandeirantes. A única solução me parece um reforço do financiamento do LAPI. Mas dizem que isso é quase impossível”. Nosso amigo Embaixador Negrão de Lima disse-me então: “Faça uma carta ao Presidente Juscelino expondo o caso e peça uma audiência para entregá-la”.

Redigi a carta e levei-a ao nosso conselho, na presença também dos diretores da ECISA. O meu argumento talvez não fosse muito técnico, mas parecia-me irrespondível: como estava a situação, seríamos forçadas a parar a obra e, portanto, não poderíamos pagar o financiamento; com o reforço de dez mil cruzeiros seria possível levar ao fim a construção e cumprir, com os aluguéis dos andares não acupados por nós, nossos compromissos com o LAPI.

Na audiência... entreguei a carta ao Presidente Juscelino Kubitschek. Tremia e rezava sem parar até que passei às mãos de sua Excelência o papel de cuja aceitação dependia a realização de nosso ideal. Ele foi gentilíssimo e, graças a Deus, conseguimos o dinheiro que faltava.

O edifício para nós ficou maravilhoso. Além de ocuparmos dois andares, tínhamos uma linda capela, desenhada por Alcides da Rocha Miranda, que foi toda ela construída pelos esforços de Monsenhor Leovigildo Franca, nosso Assistente Eclesiástico. Ele obteve não só tudo o que foi preciso para a construção da capela, como tudo o que se encontra dentro dela.

Isso tudo se passou há muitos anos. A inauguração do prédio foi no dia 19 de março de 1959.

Para vocês, queridas Bandeirantes de hoje, é apenas uma história. Mas para nós que lutamos tanto, foi uma grande vitória. Só desejo que ele seja sempre um marco importante na vida da FBB e só abrigue o que houver de melhor e mais idealista no Movimento Bandeirante”.

JERONYMA MESQUITA

A fundadora das Bandeirantes do Brasil dedicou toda sua vida ao serviço do próximo. Durante a primeira guerra mundial, D. Jeronyma, que vivia então na França, tornou-se enfermeira num hospital de Nice.

De volta ao Brasil, depois da guerra, deu o melhor de si na promoção de movimentos que beneficiassem a juventude de sua terra, incluindo o recém-fundado Movimento Escoteiro.

D. Jeronyma trabalhou incansavelmente pela emancipação, promoção e educação da mulher. Ajudou a fundar muitas associações com essa finalidade. Ao perceber que pessoas capazes haviam assumido a causa pela qual se empenhava, D. Jeronyma se retirava e passava a outras atividades que atendessem a outras necessidades. Dessa forma, transferindo responsabilidades, sem vaidade pessoal ou preocupação de permanecer nos cargos, conseguiu reunir um grupo notável de pessoas para levar avante o trabalho iniciado.

Preocupava-se também com a assistência social e apoiou inúmeras organizações, entre elas a S.O.S, a Associação Cristã Feminina, a Cruzada Nacional contra a Tuberculose e a Pro Matre, no Rio de Janeiro, onde milhares de crianças nasceram.

D. Jeronyma, ela mesma nasceu numa fazenda de Minas Gerais, onde, em suas próprias palavras, “teve uma infância feliz”. Casou-se muito cedo. Teve um filho e uma neta.

Em 1919, estava entre as pessoas interessadas em educação, a quem o Sr. Barclay entregou a carta de Lady Baden-Powell, sugerindo a fundação do Movimento Bandeirante no Brasil. Sua ação foi decisiva nessa ocasião, tornando-se chefe do movimento que então foi fundado. Em 1932, ao entregar esse posto a sua sucessora, Maria de Lourdes Neiva de Lima Rocha, recebeu o título de Chefe Fundadora do Movimento Bandeirante.

Em 1968, por ocasião da abertura do Ano Jubilar de Ouro da FBB, pôde, apesar da saúde precária, comparecer às festividades na Sede Nacional, conversando na ocasião especialmente com as fadas que a cercavam, encantadas com a presença viva da Chefe Fundadora. No ano seguinte, por ocasião do encerramento do Jubileu, D. Jeronyma visitou pela última vez a Sede. Mas sempre que sua saúde permita, recebia com prazer, em sua casa do Rio de Janeiro, os grupos Bandeirantes de todo o Brasil que a procuravam.

D. Jeronyma faleceu no Rio de Janeiro no dia 10 de dezembro de 1972, com a idade de noventa e dois anos. Seu corpo foi velado na capela Santa Joana D'Arc, na Sede Nacional e as Bandeirantes que a

levaram ao Cemitério do Catumbí, onde foi sepultada, cantaram singelamente junto a seu túmulo, o Canto do Silêncio.

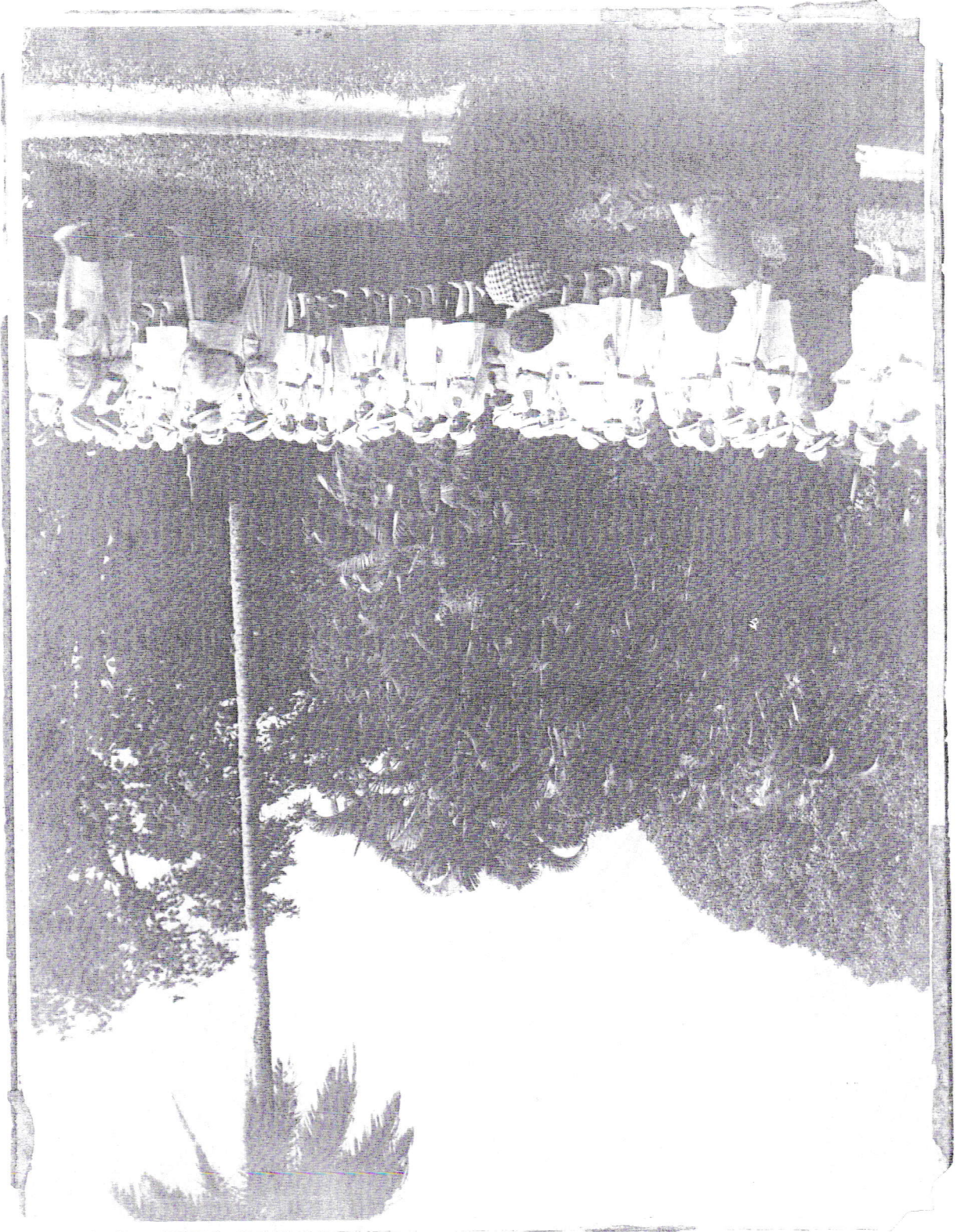
Um dos traços mais marcantes de seu caráter foi, sem dúvida, a retidão e a sinceridade e é talvez característico dela, como observou Austregésilo de Athayde, que toda sua vida tenha praticado a mensagem evangélica, mas que, somente nos seus últimos anos de vida esse cristianismo vivido tenha se transformado em fé religiosa.

Apesar do mundo ter mudado muito desde os tempos que já vão longe, em que primeiro tentou emancipar e ajudar as mulheres, um estudo de sua vida, tão cheia de devotamento e ideal, encerrará sempre para nós elementos de inspiração e orientação.

As Bandeirantes do Rio de Janeiro e grupos de outros estados que visitarem nossa cidade, se procurarem o Museu da Imagem e do Som, ali poderão ouvir na própria voz de D. Jeronyma, um depoimento sobre sua vida, que foi gravado em 1968.

MARIA HELOISA DE SOUZA REIS

Costa 021.1



Ry
Lemmond
Lemond
Bauder sainte
Parque de su
Henry Lynch

1933

1945
The
1945
The
1945
The





Numero 3
 Rio de Janeiro
 Agosto
 de 1928

Orgão official da Companhia de Bandeirantes do Coração de Jesus

Redação e Administração: RUA BENJAMIN CONSTANT, 42

Assignatura annual: 5\$000 — Assignatura de protecção: 10\$000

Directora: — LOURDES LIMA ROCHA

A Promessa Bandeirante

(Discurso de D. Vera Delgado de Carvalho, proferido por ocasião da fundação da Companhia de Bandeirantes "Jeronyma Mesquita" (I Merity).)

Que satisfação é a nossa de assistirmos hoje á promessa das primeiras bandeirantes de Merity e de ver que, apesar de todas as difficuldaeds a vencer, esta companhia fundada no anno passado tem ido avante, graças á dedicação de D. Edina Fernandes, sua Chefe, que merece as nossas felicitações.

— Gostaria de saber se todas estas bandeirantes que acabam de fazer a "promessa" comprehenderam bem ao que se comprometteram? Em primeiro logar: "Ser leal para com Deus e mi-

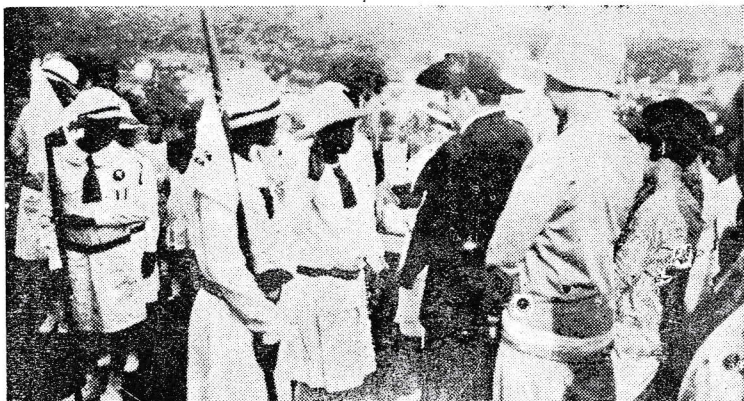
de enxada, da empregada da fabrica que deve se esforçar para satisfazer seus patrões; a mãe de familia que fica em casa cuidando de seus filhos, deve trazel-os sempre limpos, educal-os bem, ter sua casa arrumada, a comida dos seus bem feita, pois com isto concorrerá para o engrandecimento da nossa patria, será pois uma *boa Brasileira*.

— A segunda Promessa: "Ajudar o proximo em todas as occasiões" é, estou certa, bem comprehendida por todos pois sei o quanto o nosso povo é geralmente bom e caridoso. Mas, para podermos ser realmente uteis ao nosso proximo precisamos saber como acudil-o. Por melhor boa vontade que tenha uma

messa: "Prometto, obedecer ao codigo das bandeirantes" cada uma de vós bandeirantes, compromettei-vos a ser boa, prestimosa, sincera, economica, boa dona de casa, sempre obediente, alegre, trabalhadeira, procurando contentar aos seus; pura nos seus pensamentos e actos; em suma cumpridora de seus deveres de boa christã e boa brasileira.

Não imagineis que é facil adquirir todas estas qualidades, nem que pelo facto de terem revestido o uniforme de bandeirantes desapareceram todas as difficuldades da vossa vida de todos os dias. Infelizmente todos nós temos defeitos, mas devemos nos lembrar que "querer é poder" e que se realmente desejarmos ser boas bandeirantes havemos de chegar a sel-o. Lembrai-vos sempre que as bandeirantes devem servir de exemplo a todos; que todos estão observando o seu modo de se portar. O facto de ser uma Bandeirante da Escola Regional de Merity é uma honra, e o melhor modo de provar sua gratidão e amizade a sua fundadora, tão boa e dedicada, D. Mandinha, as suas professoras, a sua Chefe D. Edina é serem boas bandeirantes na Escola e fóra della; que o seu procedimento seja tal que todos os paes, não só de Merity, como das cidades visinhas desejem que suas filhas se tornem Bandeirantes.

Termino fazendo votos para que as Bandeirantes aqui reunidas e as muitas outras que a ellas se juntarem sejam sempre exemplares. Boas filhas, boas irmãs, boas mulheres, boas mães. Enfim "Boas Brasileiras"!



A Commandante em Chefe inaugurando a Companhia de Merity

nhá Patria". O que significa isto senão que a obrigação de uma boa bandeirante é cumprir com os deveres de sua religião, amar a Deus acima de tudo e a sua Patria, o nosso caro Brasil?

O que é amar a Patria senão procurar cada um cumprir com o seu dever, por mais humilde que seja, com boa vontade, sem preguiça, sem ser sómente com o desejo de se ver livre, sem nunca deixar para amanhã o que puder ser feito hoje?

A lavadeira para ser uma boa Brasileira deve procurar lavar sua roupa o melhor que puder, o mesmo direi da cozinheira, do carpinteiro, do trabalhador

bandeirante como poderá ella cuidar direito do seu irmãozinho que se machucou, de sua mãe doente si não souber como fazel-o; digo "direito" porque ha certos tratamentos que em vez de fazerem bem, fazem mal; para isto a bandeirante tem as aulas de hygiene, de prompto soccorro, etc. Como poderá ella aconselhar uma amiga num momento de difficuldade e guiar-se ella mesma se não sabe e não aprendeu o que é direito ou torto, se nunca procurou se dominar, nas pequenas cousas da vida para poder resistir ás tentações mais fortes?

— Quanto á terceira e ultima pro-

8 HORAS DE SOMNO:

E' quanto deve dormir quem quizer viver bem. Para produzir um trabalho corporal verdadeiramente util a primeira condição é ter dormido bem; o mesmo se pôde dizer do trabalho intellectual.

(D"O Meu Systema" de Muller).



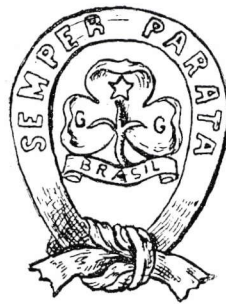
BANDEIRANTES

Orgão official da Companhia de Bandeirantes do Coração de Jesus

Redação e Administração: RUA BENJAMIN CONSTANT, 42

Assignatura annual: 5\$000 — Assignatura de protecção: 10\$000

Directora: — LOURDES LIMA ROCHA



Anno II

Numero 3

Rio de Janeiro

Agosto

de 1928

A Promessa Bandeirante

(Discurso de D. Vera Delgado de Carvalho, proferido por ocasião da fundação da Companhia de Bandeirantes "Jeronyma Mesquita" (I Merity).)

Que satisfação é a nossa de assistirmos hoje á promessa das primeiras bandeirantes de Merity e de ver que, apesar de todas as difficuldaeds a vencer, esta companhia fundada no anno passado tem ido avante, graças á dedicação de D. Edina Fernandes, sua Chefe, que merece as nossas felicitações.

— Gostaria de saber se todas estas bandeirantes que acabam de fazer a "promessa" comprehenderam bem ao que se comprometteram? Em primeiro lugar: "Ser leal para com Deus e mi-

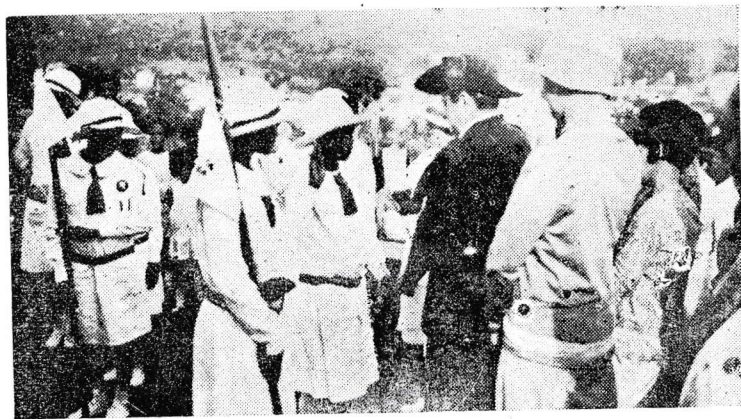
de enxada, da empregada da fabrica que deve se esforçar para satisfazer seus patrões; a mãe de familia que fica em casa cuidando de seus filhos, deve trazel-os sempre limpos, educal-os bem, ter sua casa arrumada, a comida dos seus bem feita, pois com isto concorrerá para o engrandecimento da nossa patria, será pois uma *boa Brasileira*.

— A segunda Promessa: "Ajudar o proximo em todas as occasões" é, estou certa, bem comprehendida por todos pois sei o quanto o nosso povo é geralmente bom e caridoso. Mas, para podermos ser realmente uteis ao nosso proximo precisamos saber como acudil-o. Por melhor boa vontade que tenha uma

mensagem: "Prometto, obedecer ao código das bandeirantes" cada uma de vós bandeirantes, compromettei-vos a ser boa, prestimosa, sincera, economica, boa dona de casa, sempre obediente, alegre, trabalhadeira, procurando contentar aos seus; pura nos seus pensamentos e actos; em suma eumpridora de seus deveres de boa christã e boa brasileira.

Não imagineis que é facil adquirir todas estas qualidades, nem que pelo facto de terem revestido o uniforme de bandeirantes desappareceram todas as difficuldades da vossa vida de todos os dias. Infelizmente todos nós temos defeitos, mas devemos nos lembrar que "querer é poder" e que se realmente desejarmos ser boas bandeirantes havemos de chegar a sel-o. Lembrai-vos sempre que as bandeirantes devem servir de exemplo a todos; que todos estão observando o seu modo de se portar. O facto de ser uma Bandeirante da Escola Regional de Merity é uma honra, e o melhor modo de provar sua gratidão e amizade a sua fundadora, tão boa e dedicada, D. Mandinha, as suas professoras, a sua Chefe D. Edina é serem boas bandeirantes na Escola e fóra della; que o seu procedimento seja tal que todos os paes, não só de Merity, como das cidades visinhas desejem que suas filhas se tornem Bandeirantes.

Termino fazendo votos para que as Bandeirantes aqui reunidas e as muitas outras que a ellas se juntarem sejam sempre exemplares. Boas filhas, boas irmãs, boas mulheres, boas mães. Enfim "Boas Brasileiras"!



A Commandante em Chefe inaugurando a Companhia de Merity

nhá Patria". O que significa isto senão que a obrigação de uma boa bandeirante é cumprir com os deveres de sua religião, amar a Deus acima de tudo e a sua Patria, o nosso caro Brasil?

O que é amar a Patria senão procurar cada um cumprir com o seu dever, por mais humilde que seja, com boa vontade, sem preguiça, sem ser sómente com o desejo de se ver livre, sem nunca deixar para amanhã o que puder ser feito hoje?

A lavadeira para ser uma boa Brasileira deve procurar lavar sua roupa o melhor que puder, o mesmo direi da cozinheira e do trabalhador

bandeirante como poderá ella cuidar direito do seu irmãozinho que se machucou, de sua mãe doente si não souber como fazel-o; digo "direito" porque ha certos tratamentos que em vez de fazerem bem, fazem mal; para isto a bandeirante tem as aulas de hygiene, de prompto soccorro, etc. Como poderá ella aconselhar uma amiga num momento de difficuldade e guiar-se ella mesma se não sabe e não aprendeu o que é direito ou torto, se nunca procurou se dominar, nas pequenas cousas da vida para poder resistir ás tentações mais fortes?

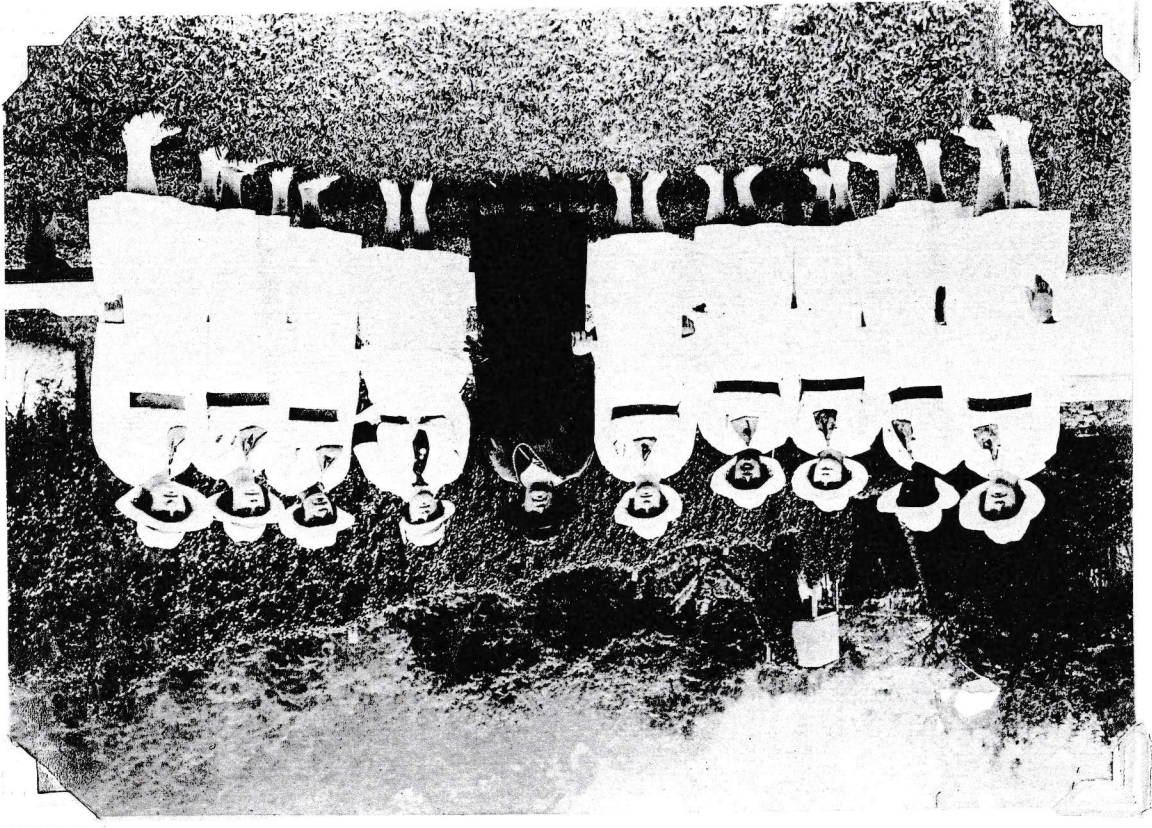
— Quanto á terceira e ultima pro-

8 HORAS DE SOMNO:

E' quanto deve dormir quem quizer viver bem. Para produzir um trabalho corporal verdadeiramente util a primeira condição é ter dormido bem; o mesmo se pôde dizer do trabalho intellectual.

(D'"O Meu Systema" de Muller).

1920



Mr. J. J. B. B. B.
The Eugene de
Bans.